

Introdução

Inicialmente, o objetivo era fazer uma análise apenas dos aspectos ecológicos presentes em alguns poemas da obra de Ruy Cinatti. Entretanto, ao longo das pesquisas e leituras a respeito do autor, percebeu-se a grande complexidade que envolve sua figura tão singular. A partir de tal tomada de consciência, a interligação dos temas abordados pelo autor tornou-se instigante e essencialmente importante. O interesse de Ruy Cinatti pelo meio ambiente está profundamente ligado a um conhecimento antropológico/humano de Timor Leste, bem como à concepção de um cristianismo universal. Devido a isso, apesar do grande desafio, percebeu-se a necessidade de procurar estudar as condições complexas da sua produção textual e nelas mergulhar um pouco mais a fundo. O trabalho então tomou proporções maiores e acabou por expandir-se, obedecendo ao espírito cinattiano, altamente interdisciplinar e multifacetado.

Pretende-se, pois desenvolver uma leitura que aborda os aspectos ecológicos e humanistas presentes na poesia de Ruy Cinatti, buscando mostrar a sua preocupação em integrar o Ser Humano e a Natureza, numa abordagem que mescla Religião, Ecologia, Antropologia, tudo isso com uma forte preocupação política. Poeta, agrônomo, antropólogo, botânico, silvicultor, Ruy Cinatti tinha uma relação de amor e respeito à terra e aos seres que nela vivem. Este respeito à natureza e os seres vivos em sua obra ensaística e poética denota sua preocupação com a preservação da Terra.

Privilegiando, dentro de sua obra, alguns poemas sobre Timor Leste, local onde viveu durante alguns anos de sua vida, este projeto objetiva também mostrar os laços indissociáveis que a sua poesia evidencia entre este território e Portugal, bem como a forte relação do poeta com os habitantes de Timor.

Ao longo do presente trabalho, pretender-se-á demonstrar, dentro do vasto panorama da poesia portuguesa do século XX, a importância de Ruy Cinatti no que diz respeito às questões humanas, sociais e ecológicas, tomando-se como base a ilha de Timor, local que o marcou profundamente. Muito da luta política contra a ditadura salazarista e, depois, contra as intenções dos revolucionários de abril, derivou do contato e da busca de um reconhecimento legítimo e da reconstrução do território timorense.

Serão destacados alguns poemas e fragmentos de textos científicos, com o intuito de focar as preocupações ecológicas e antropológicas do autor. A leitura procurará privilegiar a antecipação de Ruy Cinatti na apresentação de problemas mundiais, bem como de problemas locais enfaticamente evidenciados nos anos de 1998 e 1999, em que Portugal atuou na luta pela autonomia do território timorense.

Ruy Cinatti era um homem do mundo, grande amante de viagens e aventuras. A viagem, o deslocamento e o encontro com o desconhecido sempre o fascinaram. Tem razão Fernando Pinto do Amaral ao afirmar, no prefácio ao livro de Cinatti, que “[o] sentido de dádiva e a vontade de comunicar talvez ajudem, não diria a explicar, mas pelo menos tentar compreender um pouco melhor a ânsia de nomadismo que desde sempre animou Ruy Cinatti e sua escrita”¹, ou ainda quando diz que: “[e]ste constante impulso que leva o poeta a viajar a cada instante torna-o detentor de uma grande imaginação e fá-lo também idealizar certos locais cuja privilegiada beleza o seduz de um modo especial”².

A sua primeira grande viagem foi o I Cruzeiro de Férias às Colônias, organizado pela revista "O Mundo Português", no verão de 1935 (tinha ele então vinte anos). Destas viagens pela África Ocidental (Madeira, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola) resultam os seus primeiros ensaios literários, entre eles um grupo de artigos intitulado *Impressões de uma viagem pelos territórios portugueses da África Ocidental* e um conto sobre um pássaro do folclore são tomense, "Ossobó", ambos datados de 1936. "Ossobó" foi escrito após uma viagem de Cinatti a São Tomé.

Ossobó canta e torna a cantar. A melodia que dele se desprende parece alegre, mas povoada de recordações.

São as histórias da ilha cortada de montanhas e de vales profundos, com os pedregulhos a rolar torrentes abaixo, e as águas escorrendo da terra. São a força verde da floresta espalhada das margens aos cimos, cordas serpeando nervosamente pelo chão, até encontrarem apoio nas grandes árvores.³

¹ AMARAL, Fernando Pinto do. In. CINATTI, Ruy. *Obra Poética*, p.20

² Idem.

³ CINATTI, Ruy. op. cit.. p.28.

No folclore são tomense, Ossobó é um pássaro que anuncia a chegada da chuva, como Cinatti ilustra no poema abaixo:

O mensageiro da chuva

Antes que a chuva caísse
 não ouvi o passarinho
 que a anuncia em S. Tomé,
 mas vi-o embalsamado
 no museu de certa roça
 de cacauero e café.

Choveu nessa mesma tarde
 quando sonhava acordado
 com um azul de passarinho,
 Ossobó, em S. Tomé.⁴

O sentimento de inquietação característico em Ruy Cinatti, é bem descrito em um apontamento manuscrito, mostrando o seu interesse pelas viagens:

Como é admirável viajar, não importa aonde, desde que o desconhecido nos espera! Amanhã hão-de surgir novas coisas, tudo que é feito de imponderáveis, novas paisagens, outras faces, outras nuvens que me hão-de distrair do sonho e do quotidiano inevitável. Depois, há-de chegar o tempo em que eu me sinta como agora, e seja apenas um ser isolado que distribui as suas recordações ao longo das bissectrizes, que em mim se encontram como se no centro do mundo. À tarde ou à noite, como hoje, encostado à amurada do navio ou passeando, solitário, sobre uma terra que por agora, só me é permitido imaginar.⁵

Acrescido ao interesse pelas viagens, percebe-se o desejo de relatar as suas vivências: "... fazia planos. Via já os meus livros de viagens sobre as montras com títulos que mostravam os sítios por onde iam passando. *Doçuras do Tahiti, No país das verdes palmas, etc...*"⁶

⁴ Idem, p.368.

⁵ CINATTI, Ruy. Apud, STILWELL, Peter. *A Condição Humana em Ruy Cinatti*, p. 32.

⁶ Idem, p. 30.

É também nesta viagem que Cinatti maravilha-se por conhecer novos lugares e novas culturas e percebe a importância da relação entre as disciplinas bem como da recolha de dados, acompanhada por uma profunda reflexão. Como ressalta Peter Stilwell, autor da tese *A Condição Humana em Ruy Cinatti*:

O contato direto com as terras e as gentes acompanhado de uma leitura histórica e econômica do Império e uma exposição dos desafios que se colocavam para o futuro, provaram-lhe nesta viagem como a recolha de dados pode e deve ser associada à reflexão crítica e interdisciplinar.⁷

Vê-se nessa formação científica e intelectual o cerne da oposição à administração colonial em Timor, que Ruy Cinatti virá a assumir mais tarde.

O mais importante nesta viagem à África é provavelmente o fato de que ela fez com que ele finalmente descobrisse sua vocação literária.

Para começar detestava poesia (...). Foi necessário ultrapassar a puberdade, fumar o primeiro cigarro, beber o meu copo, comungar o Corpo do Senhor, para que me aproximasse distraidamente desses volumes grossos ou delgados cheios de uma linguagem piegas: chorosa, monótona, palavrosa, hermética. (...). Brinca, brincando, escrevi o primeiro exercício de estilo; uma epopéia dedicada aos insectos (...). Foi brincadeira sem conseqüências, pois por poesia comecei a entender os solitários passeios a cavalo por pinhais e montados, a distância dos montes, o céu com algumas nuvens, o mar: poesia sem palavras, como a música.⁸

"Dar expressão ao que vê e sente torna-se a meta a alcançar, e a prazo, condu-lo à descoberta do poder da palavra como um meio de acesso àquela comunhão com a Natureza."⁹ Nas palavras do próprio Cinatti: "Foram necessários dois meses da grande viagem, o contacto com uma Natureza estranha, a leitura de prosas de países exóticos para compreender que a poesia dos livros grossos e delgados tinha alguma coisa para me dizer."¹⁰

Quando em 1944, o Japão, que havia invadido a ilha, consentiu que o governo português enviasse a Timor uma missão oficial de Inquérito, Ruy Cinatti ofereceu seus serviços ao então Ministro das Colônias, Marcello Caetano. No entanto, só conseguiu efetivamente ir para Timor em 1946.

⁷ STILWELL, Peter. op. cit. p.33

⁸ CINATTI, Ruy. apud STILWELL, Peter. op.cit. p.419.

⁹ STILWELL, Peter, op. cit. p.39.

¹⁰ CINATTI, Ruy. Apud. STILWELL, Peter. op. cit., p.40.

Os motivos pelos quais decidiu partir para tão longe são variados; mesclam-se os fatos de ser ele um cientista, um botânico, donde viria seu interesse pelas florestas tropicais; além disso, não possuía vínculos familiares em Portugal. Peter Stilwell, autor da tese, afirma, e com razão, que Timor fora, para ele, uma ruptura, uma opção de vida. Em uma carta a um amigo, datada de 1946, Cinatti declara:

A minha vida em Lisboa era falsa, artificial, por se assemelhar em qualidade à que lá é tomada como normal.

Porque a sentia falsa, resolvi, num momento de funda respiração cortar com ela, sacrificando pessoas, amizades, responsabilidades e voltando costas a duas magníficas situações e todas as vantagens inerentes.¹¹

A partir de tais declarações fica bastante clara a necessidade que Cinatti tinha de sair de Lisboa, de ampliar seus horizontes, pois sentia que a vida na metrópole o aprisionava, e que deveria quebrar as grades desta prisão para ver o mundo. É importantíssimo ressaltar que, obviamente, essa "prisão" tinha a ver com o contexto político da ditadura salazarista; mais tarde, como funcionário do Estado Português, a tensão entre a sua formação profissional e a realidade colonial será crescente.

Seguindo a sua personalidade e seu desejo de "desbravar" o mundo, não seria difícil imaginar o quanto a necessidade de deslocamento se refletiu no conjunto de sua obra que, de certa maneira, em determinados momentos, figura como várias narrativas de viagem, preocupadas não somente em relatar o "outro", mas também em penetrar e desvendar sua cultura. Pode-se, neste momento, seguir as palavras de Fernando Pinto do Amaral, que ressalta que: “[t]endo vivido alguns anos entre os timorenses e procurado sempre compreendê-los, Cinatti reflecte na sua poesia uma complexa mistura de sensações e sentimentos que lhe provocou a paisagem timorense.”¹²

¹¹ CINATTI, Ruy apud STILWELL, Peter. op. cit., p. 178.

¹² CINATTI, Ruy. op.cit. p.21.

Nesse sentido, a obra cinattiana aproxima-se das narrativas do final do século XVI, que fizeram o inventário dos "outros" não europeus. Pode-se também, de alguma maneira, dizer que sua obra segue o mesmo princípio dos escritos dos viajantes daquele século, como Jean de Léry, em seu *Viagem à Terra do Brasil*, pois como ressalta Karl Erik Schollhammer: "De maneira exemplar Léry descreve, com vontade científica e empenho documental, não apenas a natureza da Baía de Guanabara, sua flora e fauna, mas também procura entender a cultura Tupinambá em todos os seus aspectos observáveis."¹³

Assim como Léry, Cinatti combina uma precisa descrição científica da fauna e da flora dos locais por onde passa, sem deixar de lado a preocupação em compreender a cultura dos povos, o que reforça sua condição de engenheiro agrônomo/botânico/antropólogo. Formado em Agronomia, era também silvicultor e, por isso, tinha um grande interesse em estudar a flora dos locais que visitava. Como antropólogo (estudou Antropologia Social em Oxford), preocupava-se em estudar as culturas locais, sendo o "outro" timorense grande objeto de estudo deste multifacetado autor.

Neste amalgamado de idéias, Cinatti figura como um importante poeta, que tem a consciência do humano, em sua relação direta com a natureza. Pode-se afirmar que Ruy Cinatti se enquadra entre os humanistas que fizeram parte de uma elite cultural laica européia e que apareceram, em Portugal, desde meados do século XVI, dentre os quais, desta época, destacam-se D. Jerónimo Osório, João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Diogo do Couto, Gaspar Correia. Esses autores publicaram, ao longo do século XVI, importantes livros sobre a expansão marítimo-mercantil portuguesa na Ásia. Cinatti bebe na fonte desses autores, e sua formação humanista é também bastante influenciada por eles.

De fato, ele foi um homem à frente do seu tempo. Sua cabeça borbulhava de idéias inovadoras, que se refletem nos seus poemas, cartas e textos científicos. Nas questões ecológicas, nota-se facilmente, através de seus textos, que Cinatti preocupava-se em realizar um projeto de "desenvolvimento auto-sustentável" em Timor, o que demonstra que ele tinha a noção de que os bens naturais são escassos e frágeis.

¹³ SCHOLLHAMMER, Karl Erik. "Pequena genealogia do olhar viajante" In. TORRES, Sônia (org). *Raízes e Rumos. Perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*, p.255

Isto reforça a idéia de que o autor já apresentava, naquela época, o que hoje se chama de consciência ecológica, que só viria a se expandir a partir dos anos noventa do século XX.

Entre as décadas de 1950 e 1960, Ruy Cinatti produziu e publicou a maior parte de seus estudos científicos, especialmente sobre Timor. Estes estudos são o resultado das inúmeras viagens de reconhecimento que realizou pelo território chegando até a descobrir uma espécie nova de pinheiro. Com efeito, em 1948 são catalogadas na Holanda duas plantas com o seu nome: o *Eucalyptus cinattiensis* e a *Justitia cinatti*.

Sophia de Mello Breyner Andresen, sua grande amiga, escreve um belo texto, onde podemos perceber a forte e indissociável ligação de Ruy Cinatti com Timor:

O meu primeiro e inesquecível encontro com Timor foi aquela madrugada em que, ao chegarmos em casa, depois de não sei que festa, mal abrimos a porta da rua fomos surpreendidos por um barulho de vozes e risos. E quando abrimos a porta da sala vimos os nossos filhos – ainda pequenos - e a queridíssima criada Luísa sentados no chão em roda de Ruy Cinatti que tinha ao seu lado uma mala de onde iam saindo objectos de madeira, caixas, pequenas estatuetas, punhais – e naquela noite de Lisboa cheirava de repente a sândalo. Mal nos vimos abraçaram-nos com alvoroçada alegria. Depois também nós nos sentámos no chão. O Ruy contou que o avião dele tinha chegado já de noite e ele não tinha tido coragem para ir àquela hora em busca de hotel. Por isso tinha mandado o táxi seguir para a Travessa das Mónicas e disse que ia dormir ali mesmo no chão porque gostava muito do nosso chão. Mas logo a Luísa partiu a fazer-lhe uma cama e fui deitar as crianças tontas de sono e excitação. E de novo me sentei no chão a ouvir as histórias de Timor, das árvores, das flores, dos búfalos, das fontes, das danças e dos ritos. E enquanto falava o Ruy ia mostrando as suas fotografias da maravilhosa mulher de longos gestos e dos homens vestidos com os belíssimos trajes tradicionais – às vezes levantava-se e fazia alguns passos de danças timorenses. E assim ficámos até dez horas. (...)

E um dia trouxe-me um poema que traduzira da língua tétum – Chamava-se Consagração de uma casa timorense. Era um poema sobre a construção de uma casa – uma construção simultaneamente prática e sagrada pois é a casa onde moram os deuses e os homens, a alma dos antepassados mortos e os seus descendentes vivos. O lugar onde convivem o presente e o passado e o eterno. Uma construção que é, nos materiais e formas usadas, uma técnica meticulosa e rigorosa e, simultaneamente, é, gesto por gesto, uma poética. E onde o espírito religioso estabelece o carácter sacral do quotidiano. Uma construção que é simultaneamente trabalho, canto, dança, grito, consagração e festa. Uma ordenação que é poema vivido rente ao quotidiano. Não posso deixar de citar uma passagem do texto que diz:

"Estão atando, amarrando andam,
 atar pontas só, amarrar as bases só,
 atando bem, peso igual.
 Já andam levando, já sustentando aos ombros,
 Levantando aos gritos, levando em algazarra,
 Dançando o Hou-ló, dançando o Herlele,
 Entoando o Sala-makat e o Da'a-doun.
 Cão estrangeiro, galo estrangeiro.
 Cantar o Kolo-kolo e o Bui-muk.
 Levar até vir, trazer até vir,
 Terra plana, terra nivelada,
 Em terra meio, em terra eixo,
 Junto pedra angular, em pátio sagrado
 Colocar plano, pôr ordenadamente,
 O cimeiro seguir um ao outro, o pé um ao outro." ¹⁴

A partir de tais idéias e declarações, pode-se afirmar que é impossível pensar em Ruy Cinatti sem que Timor se insinue e se apresente. Por outro lado, é difícil falar-se da ação portuguesa no território sem nos lembrarmos dos descobrimentos de Ruy Cinatti. Timor envolveu-o e encantou-o como nenhum outro lugar por que passou (e não foram poucos). Em um esboço de carta, encontrado em seu espólio por Peter Stilwell, declara-se completamente apaixonado por Timor, que, para ele era "cheia de denso significado e mistério"¹⁵ Em outro escrito, Cinatti faz uma belíssima metáfora de Timor, declarando seu amor pela ilha.

Timor é a mulher amada, órfã de pai e mãe, a quem os tutores, nem sempre previdentes, proibiram que se encontrasse com o namorado, prendendo-o, para maior segurança, a engenhos de complicada mas ineficaz mecânica. O que sucede, porém, é que, como em histórias congêneres, não há barreiras intransponíveis para o Amor: eles conheciam-se já e, em secretos esponsais, tinham legitimado a validade desse conhecimento. O resto é silêncio, o maravilhoso silêncio que une o amado à amada e os fortalece frente à adversidade. O resto é também a série de fotografias que ides ver e que, como os retratos de um álbum de família, levanta do peito do cônjuge forçado à separação indesejada um soluço fundo de saudade perene.¹⁶

O poeta assume o lugar do amante da mulher (Timor), declarando que nada pode romper esse laço afetivo, que já está fortemente consolidado. Pode-se entender as adversidades a que se refere como os inúmeros obstáculos impostos pela administração colonial às suas tentativas de reconstrução do território.

¹⁴ In. excerto do prefácio a *A Janela de Timor* de João Aparício. Disponível em www.ruialme.pt

¹⁵ CINATTI, Ruy. Apud STILWELL, Peter. op. cit. p. 183.

¹⁶ Idem. p. 418 – 419.

É importante perceber, através desse texto, o tom de ironia que se esconde por trás das palavras, nas entrelinhas. Ironia devido à insatisfação com os cargos burocráticos a que se viu submetido quando partiu para Timor, como se nota mais detalhadamente no capítulo 1.

É fundamental também notar a grande indignação que sente relação à atitude que Portugal tomou em 1974, época da Revolução dos Cravos, que derrubou o regime ditatorial de Salazar, e 1975, quando a Indonésia invade Timor, dando início a uma brutal e violentíssima ocupação, que durou mais de vinte anos e praticamente dizimou a população local.

Tendo em mente tais reflexões e seguindo as trilhas de sua obra poética, percebe-se que Cinatti é dono de um estilo próprio, que singulariza sua poesia face à de seus contemporâneos. Para Cinatti, “O poeta é, acima de tudo alguém que consegue captar algo do ser das coisas e transfigurar tal ser numa linguagem tanto mais singular quanto mais capaz de exprimir as suas sensações ou os seus sentimentos em face dessas coisas.”¹⁷

Ruy Cinatti nunca pertenceu a nenhuma corrente estética propriamente dita. Nota-se que há uma dificuldade em enquadrá-lo em qualquer tendência ou corrente estético-literária. Mesmo os *Cadernos de Poesia*, revista literária que fundou juntamente com Tomaz Kim e José Blanc de Portugal em 1941, não tinha pretensão de enquadrar-se em nenhuma corrente. Também a revista *Aventura*, editada entre 1942 e 1944, não é de fácil classificação.

Enquanto esteve em Timor, Cinatti preocupou-se em registrar inúmeras imagens do local. Realizou um filme e tirou várias fotos. Neste trabalho apresentam-se em anexo algumas destas fotos, extraídas do livro *Um cancionero para Timor*. As danças, as vestimentas, as casas, entre outros elementos retratados, mostram a sua preocupação em registrar e conhecer essa cultura "outra".

¹⁷ CINATTI, Ruy. op.cit. p. 13.

Visto que a obra poética cinattiana é bastante extensa, houve a necessidade de se fazer uma seleção de poemas, considerados mais relevantes no que diz respeito às questões ecológicas, antropológicas e políticas. Foram então escolhidos nove poemas – que serão analisados durante os capítulos. São eles "Gondões de Díli"; "As Camenassas de Díli"; "Assoreamento da baía de Díli" e "Parâmetro Ecológico" (referentes à questão ecológica). Já dentre os que se referem mais diretamente à questão antropológica e política, foram elencados os seguintes poemas: "Propósito Inadiável"; "Variação sobre o mesmo tema"; "Premonição"; "Programação" e "Realismo Político".

É fundamental ter em mente que, neste trabalho, usa-se o termo Ecologia em sua concepção atual¹⁸, uma vez que, na época abordada na pesquisa, ainda não se falava em Ecologia como se fala hoje em dia. Aliás, esse não era um assunto discutido largamente, uma vez que não fazia parte da preocupação da sociedade como faz nos dias atuais. Daí a importância de Ruy Cinatti que, também através da poesia, foi um dos precursores dessa maneira de pensar.

Este trabalho, entretanto - tendo em vista a diversidade de assuntos, bem como a complexidade do autor - não esgota o tema. Não foi possível aprofundar determinados aspectos da obra cinattiana, como, por exemplo, a questão religiosa, a questão da alteridade, a questão política do autor com relação a Timor na época salazarista, e a questão dos *Cadernos de Poesia*, do qual Cinatti foi um dos fundadores. Acredita-se, porém que são, sem dúvida, questões bastante interessantes e fundamentais para uma melhor compreensão do autor e de sua obra como um todo, e podem vir a ser, certamente, objeto de interessantes estudos futuros.

¹⁸ Para que se compreenda melhor como o termo Ecologia é entendido nos dias atuais, há que se destacar as palavras de Leonardo Boff no livro *A águia e a galinha*, pág 191: "Ecologia: estudo das relações que todos os seres vivos e inertes mantêm entre si e com o meio ambiente. É o estudo (*logos*) da casa comum (*oikos*) para que seja preservada: nosso planeta Terra. Existe a ecologia ambiental, a social, a mental e a integral (que engloba todas as outras e as relações com o universo e com Deus).